

Transmito os meus sinceros cumprimentos ao Excelentíssimo Senhor Desembargador Nelson Schaefer Martins, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina, que preside este ato, e na sua pessoa estendo os cumprimentos aos demais membros da mesa.

Senhores, a singularidade do momento exigia discurso de beletrista.

Falta-me semelhante dom. Por isso, as minhas primeiras palavras são de agradecimento a esses treze grandes amigos, que me delegaram a especial missão de falar em seu nome.

Peço a todos os presentes, o mesmo voto de confiança, e que acolham a minha fala com o coração.

Nós, os quatorze novos juízes, vivemos um momento ímpar. É a concretização de um sonho e já não sabemos precisar quando ele começou a se desenhar em nossas vidas. Era destino? Providência divina? Quem sabe? Quantos de nós até passou por outras cadeiras acadêmicas, por outras profissões.

Foi uma árdua trajetória, feita de tropeços e de infindáveis recomeços, nem por isso deixou de ser prazerosa, até o dia de hoje, em que passamos a integrar a representação daquele que é um dos mais prestigiados Tribunais de Justiça de nosso País.

Nossos familiares, sem dúvida, viveram este sonho conosco e hoje também colhem os frutos da realização.

Nossos pais: aqueles que nunca duvidam de nossa capacidade. Zelam por nós desde quando éramos pessoas miúdas, meninos e meninas. Acompanharam nossos primeiros passos na vida e hoje abençoam nossos primeiros passos como magistrados.

Os nossos pares, aqueles que escolhemos com o coração para estarem ao nosso lado, companheiros, esposos, namorados, também nos deram equilíbrio. Estão presentes em nossas vidas porque lhes sobra sabedoria para somar, ainda quando vivem nossos sonhos e abrem mão dos seus próprios, direta ou indiretamente.

Nossos irmãos e nossos amigos, sempre juntos, mesmo quando distantes, seja com uma palavra de apoio ou com uma atuação silenciosa, também merecem o reconhecimento por participarem dessa luta.

Esse momento igualmente se reveste de elevada importância para os Desembargadores e Juízes que se fazem aqui presentes, a quem devemos deferência pelo conhecimento e experiência. Não é difícil imaginar que nesta cerimônia revivem o ingresso no Poder Judiciário e tudo o que isso representa em suas vidas.

E mais, que acreditam na competência e vocação de quatorze novos colegas de profissão, que doravante passam a fazer parte de uma única família: a família do Judiciário Catarinense.

Já é tempo de destacar que durante a nossa permanência na Academia Judicial, pelo menos trinta e três magistrados, dentre Ministros, Desembargadores e Juízes, interagiram conosco. Esforçaram-se todos em nos repassar a sua experiência, em compartilhar conhecimento.

E se bem aprendi a lição desses grandes mestres: juiz precisa ter sensibilidade e alteridade. É que a nossa sociedade, cônica da imensa responsabilidade social e política do Juiz, alimenta a esperança de uma magistratura cada vez mais humanizada.

Prezados, o Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina completou 112 anos. Do primeiro juiz togado para as terras catarinenses, na pessoa de Francisco Lourenço de Almeida, até os dias atuais, essa estória de prestígio e sucesso é escrita graças ao comprometimento de muitos homens de vontade.

Cada um desafiou as dificuldades do seu tempo para que o Direito e a Justiça pudessem se impor no meio social. Desconheceram o conforto da vida moderna. Decidiram por manuscritos. Deslocaram-se para lugares longínquos em época de transportes rudimentares.

Muitos também os desafios da contemporaneidade a serem enfrentados. Vivemos num mundo turvado por aflição econômica e de certa desesperança. A produção legiferante é intensa, como se fosse a resposta para todos os males. Há uma pressão por resultados. A sociedade anseia por respostas mais céleres e efetivas. Há que se garantir o exercício democrático da jurisdição e de se adequar ao incremento de novas tecnologias. A judicialização em massa é cada vez mais uma constante.

Mas mesmo a galopante transformação social nunca antes experimentada como a que se apresentou a partir das últimas décadas, não retira a sabedoria da milenar lição de Sócrates, filósofo ateniense, para quem, três

coisas devem ser feitas por um juiz: ouvir atentamente, considerar sobriamente e decidir imparcialmente.

De fato, é imprescindível que nessa jornada não ignoremos esses mandamentos. É o mínimo que a sociedade como um todo espera da magistratura.

Juízes dispostos a ouvir a todos e a dialogar com todos;
que conquiste e não imponha a sua autoridade;
que aja sempre com educação, discricção, cortesia, serenidade; que respeite a todos, pois isso jamais significa abdicar do cargo que está investido;
que se comprometa com a democratização do acesso à Justiça;
que preste contas da sua atividade;
que julgue com a sua própria consciência mas sem deixar de ser compassivo e de entender o sofrimento alheio;
que não ignore os poderes que detém e tampouco se arvore daqueles que não detém.

Ouso pensar que ninguém se torna juiz através do concurso. O concurso seleciona e permite o ingresso democrático nos quadros da magistratura. Busca aferir o preparo ético-jurídico. Daí a responsabilidade imensurável da Comissão de Concurso.

Mas ser juiz vai além, depende do comprometimento pós-aprovação, do aprimoramento intelectual, da formação continuada, da criatividade, da espiritualidade, da compreensão sobre as pessoas e sobre o impacto das decisões, e de não ter medo de decidir.

Desejo, sinceramente, que por mais árdua que pareça a tarefa, que nunca nos falte a vocação. E vocação nada mais é do que fazer as coisas com amor.

Está escrito no Livro dos Livros, “ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine.”

Antonio, Ildo, Jaqueline, Valter, Guilherme, Eduardo, Renato, Luiz Octávio, Griselda, Sirlene, Douglas, Cristine e Emerson, depende, de cada um escolher que juiz quer ser. Acredito que nenhum de nós quer ser apenas o sino que ressoa. Então, qual será a nossa obra? Qual será o legado que pretendemos deixar para os filhos que teremos, e para nosso pequeno Lucas, que um dia irá entender a magnitude que esse momento representa para o seu pai Emerson?

Desejo, sinceramente, que o acesso ao cargo não nos incuta soberba. Que nossas atitudes sejam dignas dos dons que recebemos e da oportunidade que conquistamos. Que estejam à altura dos jurisdicionados e sempre votadas ao engrandecimento deste Egrégio Tribunal de Justiça do estado de Santa Catarina que hoje acolhe na sua história, com a esperança de que façam história, catarinenses, paranaense, gaúcha, mineiros e carioca.

Muito obrigada.